

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SUL DE MINAS GERAIS**

CAMPUS MUZAMBINHO

Licenciatura em Educação Física

MÁRCIO ADRIANO BUENO SCHEIBE

**O ACOMPANHAMENTO ESCOLAR
NA PRÁTICA DO VOLEIBOL**

MUZAMBINHO – MG

2014

MÁRCIO ADRIANO BUENO SCHEIBE

**O ACOMPANHAMENTO ESCOLAR
NA PRÁTICA DO VOLEIBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Me Rafael Castro Kocian

MUZAMBINHO – MG

2014

COMISSÃO EXAMINADORA

Muzambinho, ____ de _____ de 2014.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa Carla Scarpelli que esteve ao meu lado do início ao fim do curso. Sem você, sem seu apoio e amor, não teria conseguido concluir esta etapa da minha vida. Amo você e muito obrigado por tudo.

Dedico também ao professor e amigo Rafael Kocian. Suas orientações e apoio foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer à Dircélia e à professora Elisângela por terem me recebido com todo o carinho quando procurei o CECAES e por terem me orientado da melhor forma possível em relação ao processo seletivo que aconteceria em breve.

Gostaria também de agradecer aos professores que me deram aula ao longo desses quase três anos do curso de licenciatura. Rafael, Daniela, Dênis, Elisângela Fabiano, Mateus, Ieda, Januária, Jaqueline, Renato e Waguinho, obrigado pelos ensinamentos nas disciplinas ministradas, pelas experiências compartilhadas e pela ajuda nos momentos difíceis. O meu muito obrigado por tudo, agradeço de coração pelos amigos que foram e que são. Fico grato, por vocês não se limitarem a simplesmente ministrar o conteúdo da disciplina, mas de se importarem se este conteúdo foi de fato assimilado por nós alunos e também por nos orientar de forma humana e carinhosa se por acaso não alcançávamos algum objetivo. Fica o meu muito obrigado por tudo.

Ao professor e amigo Rafael, deixo meu agradecimento especial por ter me aceitado como orientando e por tamanha dedicação ao me ajudar de forma brilhante a fazer, em tão pouco tempo, um trabalho com um enorme significado para mim e acredito que também para nossa área.

Agradeço também aos clubes participantes da pesquisa por prontamente se disponibilizarem a colaborar com nosso estudo.

E por fim e não menos importante, a minha esposa Carla, que esteve ao meu lado e me ajudou desde meu primeiro dia de aula. Ingressar na faculdade aos 32 anos não é fácil. Por duas vezes pensei seriamente em desistir e você, Carla, me deu forças que eu não tinha para continuar. Fica o meu muito obrigado por tudo. A melhor forma de agradecer o que você fez por mim, é concluir a graduação e desempenhar um trabalho de qualidade para a sociedade.

RESUMO

Cada vez mais os jovens vêm se interessando pela prática do esporte competitivo e alguns deles acabam se direcionando para o alto rendimento. Com isso, pode acontecer de o estudo ser deixado de lado. Muitas vezes estes jovens, para continuar praticando o esporte, precisam sair de perto da sua família, que poderia ser o suporte nas questões escolares. Diante deste panorama vários clubes se preocupam, ou deveriam se preocupar, com o acompanhamento escolar. O objetivo deste trabalho foi verificar junto a clubes de grande expressão nacional, que trabalhem com a modalidade voleibol, se existe um trabalho de acompanhamento escolar e de que forma ele é feito. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário estruturado misto, com perguntas fechadas e abertas que foi enviado por e-mail devido à distância geográfica. Após analisar os resultados verificou-se que os clubes estudados desenvolvem algumas práticas relativas ao acompanhamento escolar, dentre elas: receber os boletins dos atletas e monitorá-los tanto em relação à frequência, quanto às notas, colocar um profissional à disposição dos jogadores para auxiliá-los na realização de atividades escolares, possibilitar uma maior elasticidade de horários e frequência de treinamentos aos atletas que necessitam melhorar o desempenho escolar. Ao término deste trabalho foi possível concluir que, dentro deste universo estudado, existem práticas bem interessantes relacionadas ao acompanhamento escolar e que estas práticas necessitam de uma maior divulgação dentro da área de Educação Física, podendo ser utilizadas como base para a construção de um instrumento de pesquisa mais sólido.

Palavras-chave: acompanhamento escolar; esporte; voleibol

ABSTRACT

Young people have become more and more interested in competitive sport and some end up in highly profitable ones. But studying is often neglected. In order to keep practicing, many of these youngsters must move away from their families which could have been a support on schooling. Facing this scenario, many sport clubs are concerned or should be concerned with their education. This paper aimed at checking with the most important national volleyball clubs if they have implemented school support and how it is done. Data was collected through a mixed structured questionnaire with closed and opened questions-that was sent by email due to geographic distances. After analyzing the findings we could see that these clubs had developed some practices related to school support, such as: assessing school grades, performance and attendance records, providing a professional to assist these players on their school work, as well as allowing flexible training schedule and attendance for the ones who needed improve school performance. At the end of this project we could conclude that, within the scope studied, there are very interesting practices concerning school support and that these practices need to be widely widespread in the Physical Education field, to be used as a base for creating a deeper research tool.

Keywords: school support; sport; volleyball

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização dos sujeitos da pesquisa	23
Tabela 2: Resposta à terceira pergunta	25
Tabela 3: Resposta à quarta pergunta	25
Tabela 4: Resposta à quinta e à sexta pergunta	26
Tabela 5: Resposta à sétima pergunta	27

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	09
2 – REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 Esporte	11
2.2 Voleibol	13
2.2.1 História do voleibol	13
2.2.2 Características da modalidade	14
2.3 Acompanhamento Escolar	16
3 – MATERIAIS E MÉTODOS.....	21
4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32
ANEXO I	34
ANEXO II	35

1 – INTRODUÇÃO

A prática esportiva é muito difundida e valorizada nos dias atuais. A mídia, a própria escola ou família, os resultados alcançados pelas equipes nacionais, e outros aspectos são estimulantes e atrativos para a população em geral. Diante disso, crianças e adolescentes querem estar também presentes nesse meio. Eles se espelham em grandes atletas e querem seguir o mesmo caminho. Porém, quando o atleta atinge determinado nível técnico e de competitividade, naturalmente começa a se destacar e muitas vezes é levado para jogar em grandes clubes. A prática sistematizada do esporte, seja ele qual for, exige muitas horas de dedicação e empenho.

Na profissionalização, que ocorre cada vez mais cedo, os atletas precisam treinar dois períodos trazendo à tona um grande problema. Como ficaria a continuidade de sua educação? O que temos observado nos dias de hoje é que a maioria dos atletas, que chega a jogar algum esporte profissionalmente, acaba abandonando a escola e quando não abandonam, acabam não conseguindo ter um desempenho satisfatório. Os profissionais da área de Educação Física enfrentam grandes dificuldades ao se depararem com este cenário. É preciso encontrar alguma alternativa para que o esporte seja desenvolvido sem que os indivíduos tenham sua educação prejudicada. Além disso, é notório que a carreira de atleta é curta e ao final desta etapa é necessário que aqueles, que tanto se destacaram no cenário desportivo, continuem suas vidas trabalhando em outras áreas, ou até mesmo dentro do próprio esporte, por exemplo, em uma função de dirigente ou treinador. Para tanto, é necessário que este atleta seja instruído e esteja preparado para competir no mercado de trabalho, ou seja, tenha uma boa base educacional.

O acompanhamento escolar de atletas é um mecanismo que vem sendo utilizado em alguns clubes tanto dentro do Brasil, como também no exterior para minimizar as perdas sofridas em decorrência da falta de tempo para estudar. Escolas e universidades particulares oferecem bolsas a alunos-atletas, que competem pela universidade, em troca de rendimento escolar satisfatório. O voleibol, esporte que atualmente vem conquistando diversos títulos com suas seleções nacionais, conquista cada vez mais adeptos para sua prática. Alguns clubes da modalidade já realizam há bastante tempo algum tipo de

acompanhamento escolar, e com isso, estimulam a formação educacional de seus atletas.

O objetivo do presente trabalho é verificar como clubes de voleibol fazem o acompanhamento escolar de seus atletas. Além disso, como objetivos específicos, este trabalho buscou verificar de que forma acontece este acompanhamento e ainda, se existe integração entre clubes e escolas e se existe integração entre clubes e famílias em relação ao acompanhamento escolar.

Este trabalho se justifica pelo fato de ainda não existirem muitas pesquisas na temática em questão. Dessa forma pretende-se contribuir com a área acadêmica da Educação Física produzindo conhecimento sobre o tema. Além disso, a partir dos resultados, pode-se criar uma alternativa de construção metodológica de um instrumento para o acompanhamento escolar.

2 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Esporte

Segundo Tubino (2010), na antiguidade as manifestações esportivas eram bem diferentes do que vemos hoje em dia. Os objetivos eram muito ligados à sobrevivência e preparação para combates em guerras, por exemplo, caça, corrida, natação, lutas, esgrima, etc. De acordo com Guilherme (2001), o início do esporte se mistura com a própria história da humanidade. Segundo ele, “a evolução histórica do esporte incorpora-se no início da civilização, do homem primitivo, até o novo ser humano no mundo globalizado”.

Já o esporte moderno, segundo Bracht (2005), surgiu na Europa por volta do século XVIII. Um processo de modificação de elementos de cultura corporal das classes populares inglesas, como os jogos populares, acabou por resultar no surgimento do grande fenômeno que se tornou a prática esportiva. Os maiores exemplos são os jogos coletivos com bola. Tubino (2010) nos fala que o criador do esporte moderno foi Thomas Arnold, que utilizou os jogos já existentes, desenvolvendo regras e competições. Além disso, com a restauração dos Jogos Olímpicos em 1896, por Pierre de Coubertin, a nova manifestação ganhou ainda mais força.

A evolução do esporte, para se chegar aos modelos que hoje observamos, sofreu diversos percalços, em especial nos processos de industrialização e urbanização, que levaram a diferentes padrões de vida, os jogos populares entraram em declínio, pois não eram mais compatíveis com o novo estilo de vida gerado em consequência destes processos (BRACHT, 2005). Os jogos ainda conseguiram resistir na Inglaterra, principalmente nas escolas públicas, pois não apresentavam ameaça ao poder público. Provavelmente nesta época sofreram modificações e começaram a ser regulamentados, aos poucos assumindo as características do esporte moderno (BRACHT, 2005).

Atualmente, após todo esse processo de expansão, o esporte encontra-se dividido em duas categorias: esporte de alto rendimento ou espetáculo e esporte enquanto atividade de lazer. Ainda segundo Bracht (2005), o esporte de alto rendimento é também conhecido como esporte espetáculo por causa de sua “tendência mais marcante, qual seja, a de transformação do esporte em mercadoria

veiculada pelos meios de comunicação de massa”. As relações entre as duas formas de esporte são o modelo que o esporte de alto rendimento fornece ao esporte enquanto atividade de lazer e as instalações esportivas comuns aos dois tipos. Podemos considerar também que quanto à função social, as duas manifestações podem se encontrar como atividade de lazer, tanto para quem pratica o esporte com menos compromisso durante o tempo livre, quanto para quem assiste o esporte de alto rendimento em seu tempo de folga. Já para os praticantes o esporte espetáculo é um trabalho e eles estão sempre preocupados com rendimento, resultado, enquanto os praticantes do esporte lazer o fazem para seu bem estar, para ter uma vida saudável, ou simplesmente pelo social (BRACHT, 2005).

Muitas críticas ao esporte sugeriram à medida que este passa a ser objeto de estudo de sociólogos e filósofos. Eles diziam que o esporte eliminava uma das características mais importantes do jogo, a espontaneidade. Diziam também que o esporte tecnicava, racionalizava o jogo, o lúdico. Além disso, durante muito tempo, existia o pensamento generalizado de que o esporte era privilégio daqueles anatomicamente beneficiados e geneticamente talentosos (TUBINO, 2010).

De acordo com Tubino (2010), para combater essa inverdade, foi criada pela UNESCO, em 1978, a Carta Internacional da Educação Física e Esporte que teve como uma das principais medidas deixar claro que as práticas esportivas são direito de todos. Assim, o esporte passou a “compreender todas as pessoas, independentemente de suas idades e de suas condições físicas”. Como vemos, o esporte não se desenvolveu sem despertar reações críticas. Foi um processo difícil, mas que hoje está consolidado e parece desfrutar de uma unanimidade social.

O esporte é um dos principais fenômenos do mundo moderno e centenas de milhões de pessoas o praticam, impulsionadas pelos mais variados motivos. Por outro lado, a cada dia, mais pessoas participam como espectadores nos grandes eventos do esporte, particularmente os de alto rendimento, como campeonatos do mundo e, principalmente, os Jogos Olímpicos (GUILHERME, 2001).

Ainda segundo o autor Guilherme (2001), “toda prática esportiva está qualificada pelos diversos interesses inerentes ao praticante, que lhe permite estabelecer diferentes objetivos, sentimentos e necessidades.” Para Tubino (2010) o esporte compreende as seguintes manifestações: Esporte-educação, Esporte-participação (lazer) e Esporte-performance (desempenho). Esse conceito que foi introduzido em 1985 pelo Decreto 91.452, foi ratificado pela Constituição Federal de

1988 e posteriormente pela lei nº 8672/1993, a chamada Lei Zico e lei nº 9.615/1998, conhecida como Lei Pelé, que manteve praticamente o mesmo texto da lei anterior.

Como podemos observar, nos dias atuais são consideradas algumas formas de expressão do esporte e cada uma delas “permite ao indivíduo a determinação de metas, o conhecimento da sua potencialidade e a fixação daquele objetivo intrínseco da atividade que o praticante deseja vivenciar” (GUILHERME, 2001). Dentre as modalidades mais praticadas no mundo encontra-se o voleibol, que também é objeto de estudo desta pesquisa e que por isso trataremos com mais profundidade a seguir.

2.2 Voleibol

2.2.1 História do voleibol

Guilherme (2001) descreve em seu livro que o voleibol teve sua origem nos Estados Unidos, em 1895. Seu idealizador foi o americano William G. Morgan, diretor de educação física da Associação Cristã de Moços (ACM), na cidade de Holyoke, em Massachusetts. O nome original do novo esporte era minonette. De acordo com Bizzochi (2008), Morgan baseou-se no basquete e no tênis, esportes já bastante populares nos Estados Unidos, para idealizar o minonete.

Por sugestão de um pastor, Morgan criou, para os associados mais velhos da ACM, um jogo que seria menos desgastante que o já tão praticado basquetebol. Ele utilizou “uma rede semelhante à de tênis, a uma altura de 1,83m, sobre a qual uma câmara de bola de basquetebol era batida, surgindo assim o esporte que seria mais tarde denominado voleibol” (GUILHERME, 2001). Segundo Bizzochi (2008), em 1896 Morgan foi convidado para realizar uma demonstração do novo esporte em uma conferência da ACM em Springfield. Tal demonstração fez tanto sucesso que rapidamente se difundiu pela região.

Já Guilherme (2001) nos informa que na mesma conferência, após observar detidamente aquele esporte, o Dr. A. T. Halsted, professor de uma escola de Springfield, sugeriu que o nome fosse alterado para voleibol, “tendo em vista que a idéia básica do jogo era jogar a bola de um lado para o outro, por sobre a rede, com as mãos.”

A primeira bola usada no voleibol (Câmara de bola de basquetebol) era muito pesada, e, por este motivo, Morgan solicitou à firma A. G. Spalding & Brothers a fabricação de uma bola para o referido esporte. A citada firma, após várias experiências, acabou satisfazendo as exigências feitas por Morgan (GUILHERME, 2001).

O criador do voleibol, Willian G. Morgan, faleceu em 27 de dezembro de 1942, com 72 anos de idade (BIZZOCHI, 2008). O voleibol provavelmente chegou ao Brasil em 1915 ou 1916. Alguns autores defendem que a primeira exibição aconteceu em Pernambuco em 1915, enquanto outros dizem que foi na ACM de São Paulo em 1916 (BIZZOCHI, 2008). A Federação Internacional de Voleibol foi criada em 20 de abril de 1947 e a Confederação Brasileira de Voleibol, em 9 de agosto de 1954. Além disso, o esporte teve sua primeira participação olímpica em 1964, em Tóquio, Japão (GUILHERME, 2001).

2.2.2 Características da modalidade

Bizzochi (2008) nos diz que o voleibol é uma modalidade coletiva praticada dentro de uma quadra retangular que é dividida em duas partes iguais por uma linha central e uma rede de voleibol que delimitam o espaço e a área em que cada equipe, composta por seis jogadores de cada lado, pode atuar.

O objetivo primordial de cada equipe é fazer com que a bola passe sobre a rede e caia na quadra adversária (BIZZOCHI, 2008).

A quadra mede 18m x 9m, ou seja, cada equipe possui um campo de 9m x 9m para jogar. Na categoria adulta masculina a altura da rede é de 2,43m e no feminino é de 2,24m. Cada equipe possui 6 jogadores titulares e, se a equipe a desejar poderá utilizar um líbero, que substitui jogadores que estão na zona de defesa.

O jogo é disputado em melhor de 5 sets, sendo que do 1º ao 4º sets disputam-se 25 pontos e vence a equipe que chegar ao 25º ponto primeiro, mas se ocorrer empate em 24 pontos, só vencerá a equipe que conseguir dois pontos de vantagem. Se for necessário o set desempate, ou *tie break*, este será disputado em 15 pontos, sendo obrigatória também a vantagem mínima de 2 pontos para qualquer das equipes sagrar-se vencedora.

O voleibol tem características bem particulares que o diferenciam da maioria dos esportes coletivos, entre elas: a recepção é simultânea à devolução da bola; a bola não pode tocar o solo e o número de vezes que pode ser tocada pela equipe, em uma dada situação é limitado em três. Então, com

estas restrições, o tempo de percepção das informações, no ciclo de jogo para cada situação é limitadíssimo (CARVALHO, 1988).

Diante do exposto, o voleibol é considerado um esporte complexo, de fundamentos difíceis. O interesse pela modalidade é muitas vezes despertado nas escolas, em suas aulas de Educação Física, que devem oferecer aos alunos um grande leque de opções e vivências.

Desta forma as mais variadas atividades esportivas, as brincadeiras, os jogos, atividades rítmicas, danças, lutas, práticas corporais alternativas, estão intimamente ligadas a cultura corporal e estão integradas a todos os conteúdos a serem ensinados nas aulas de educação física (IMPOLCETTO; DARIDO, 2011).

Para definir melhor, a cultura corporal, são todas as formas e movimentos que serão construídos pelos alunos com o intuito de exteriorizar as diferentes culturas em cada momento da história e suas necessidades em que vive (IMPOLCETTO; DARIDO, 2011).

Além de o voleibol fazer parte da cultura corporal, e por isso, já se justifica seu desenvolvimento nas aulas de Educação Física escolar, sabe-se que no Brasil, desde a década de 1980 transformou-se numa modalidade muito conhecida e praticada. Condição que teve a influência da geração de jogadores da seleção masculina conhecida como “Geração de Prata”, pela conquista da medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Los Angeles em 1984. Essa década marcou também o início da transmissão dos jogos pela televisão (IMPOLCETTO; DARIDO, 2011).

Com essas definições, podemos colocar o voleibol como componente da cultura corporal e como tal, deverá ser inserido e trabalhado nas aulas de educação física para que o aluno tenha condições de aproveitar e vivenciar a prática da modalidade em benefício próprio, tanto para o lazer, quanto para a estética ou até mesmo para o esporte de rendimento, se assim desejar no futuro (IMPOLCETTO; DARIDO, 2011).

A escola é muitas vezes a porta de entrada para o atleta de voleibol, mas infelizmente o pleno desenvolvimento das condições técnicas, táticas e físicas ainda é realizado primeiramente em escolinhas esportivas e posteriormente em clubes. Para Machado (2006), junto com as habilidades técnicas, táticas e físicas, é necessário um trabalho visando o desenvolvimento psicológico, seja a escola ou nos clubes de treinamento.

Mesmo com todas as peculiaridades e dificuldades apresentadas pela modalidade, podemos observar nos dias de hoje que este esporte vem conquistando inúmeros títulos com suas seleções nacionais.

De acordo com o site da Confederação Brasileira de Voleibol, o voleibol feminino tem duas medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos, a primeira conquistada em 2008 e a segunda em 2012. Conquistou também 9 títulos do World Grand Prix. O voleibol masculino, assim como o feminino já venceu os Jogos Olímpicos em duas oportunidades, 1992 e 2004, sendo vice-campeão em 2008 e 2012. Os homens também tem em seu currículos 3 títulos do Campeonato Mundial, que ocorre a cada quatro anos, e 9 medalhas de ouro na Liga Mundial, (campeonato que, assim como o World Grand Prix feminino, é anual).

Nacionalmente os clubes disputam a Superliga, que seria o campeonato brasileiro da modalidade. Além disso, existe também a Copa Brasil, competição que habilita o campeão para representar o Brasil nos Jogos Sulamericanos de Clubes. O vencedor do campeonato Sulamericano disputa o Campeonato Mundial de Clubes. Atualmente, o Brasil conta com duas equipes que já conquistaram o campeonato mundial. A equipe feminina do Molico/Osasco conquistou a competição em 2012 e a equipe masculina do Sada/Cruzeiro sagrou-se campeã no ano de 2013.

Dentro do nosso contexto, região do sul de Minas Gerais, existem os campeonatos estaduais das diversas categorias, Jogos Escolares, etc. Além disso, podemos contar com alguns campeonatos regionais, por exemplo os Jogos da AMOG (Associação dos Municípios da Microrregião Baixa Mogiana) e os Jogos da LIDARP (Liga do Alto do Rio Pardo).

2.3 Acompanhamento escolar

Atualmente muitos jovens sonham em ser atletas profissionais e com isso vão cada vez mais cedo para os clubes que participam dos campeonatos de alto rendimento.

Paralelamente aos treinamentos eles continuam, ou deveriam continuar, frequentando a escola. Como muitas vezes é necessário que eles fiquem longe dos pais e da família para poder competir por estes clubes, é necessário que o próprio clube que acolhe o atleta se preocupe com alguma forma de auxiliá-lo nos estudos.

Para suprir tal lacuna, podemos observar que alguns clubes vêm desenvolvendo ações de acompanhamento escolar.

Infelizmente esta área do acompanhamento escolar ainda não é objeto de muitas pesquisas. Procuramos trazer alguns exemplos de trabalhos que vem sendo

realizados sobre o tema para que possamos começar a produzir uma literatura a respeito.

O Esporte Educacional, para todos, é independente de vocação, no sentido de favorecer as ações educativas que as práticas esportivas oferecem (respeitar as regras, aprender a ganhar e perder, recuperar-se após as derrotas, perceber o sentido de equipe etc.), apoiado pelos princípios sócio-educativos (inclusão, participação, cooperação, corresponsabilidade, coeducação e outros) (TUBINO, 2010).

Apesar disso, “o esporte por si só não forma ninguém, acaba sendo uma atividade que depende do trabalho profissional envolvido para que se aproveitem os aspectos positivos em detrimento dos negativos” (KOCIAN, 2014). É preciso que se consiga investir no desenvolvimento destas características tão importantes na formação dos sujeitos.

Por isso é necessário que não só treinadores, como também a escola sejam peças fundamentais no processo de educar nossos jovens, que muitas vezes ainda se envolvem com drogas, ou abandonam a escola, mesmo estando envolvidos no esporte, ou justamente por causa disso. Para tanto, é necessário que estes mesmos jovens estejam estudando.

Visando não prejudicar a formação educacional dos atletas de futebol do estado de São Paulo, o então deputado Raul Marcelo apresentou à Assembleia Legislativa um projeto de lei que foi aprovado e se encontra hoje em vigor. A lei estadual 13.748 de 2009 nos fala que é obrigatório aos atletas menores de 18 anos estarem matriculados em instituições de ensino. Esta lei determina ainda em seu artigo 1º que os clubes devem zelar pela frequência e aproveitamento escolar de seus atletas.

Ainda segundo a lei 13.748/09 os clubes devem encaminhar os comprovantes de matrícula e de frequência à Federação Paulista de Futebol. As instituições que não cumprirem a determinação de terem todos os seus atletas menores de 18 anos matriculados serão multadas. Se mesmo diante da multa não regularizarem a situação de seus atletas, serão impedidos de participar das competições oficiais do estado.

A criação desta lei com certeza foi uma atitude louvável. Kocian (2014) ainda nos levanta o seguinte questionamento: “Por que não ampliar isso para todas as modalidades e federações esportivas do Estado, ou por que não sugerir isso para a Câmara dos Deputados ampliando por todo território nacional?”

Existem clubes no Brasil que estimulam seus atletas a continuarem sua formação. Um caso é o Minas Tênis Clube, clube tradicional de Belo Horizonte, que se destaca em diversas modalidades esportivas. Ao consultar o site da equipe podemos constatar que existe um programa disponível aos sócios. Vale ressaltar que neste clube a maioria dos atletas também é sócia. É o que consta do site:

Lançado em 1997 e pioneiro na área de clubes, o Programa Acompanhamento Escolar oferece, sem qualquer ônus para os sócios, atendimento didático-pedagógico aos minastenistas estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, na realização de suas atividades escolares.

O colégio Pitágoras é o parceiro do Minas no programa, atualmente. Destaca-se que não se trata de aula partícipulas, mas de auxílio na realização das tarefas escolares.

No Minas I, os associados contam com amplo espaço, localizado no Prédio do Relógio, dotado de modernos equipamentos, como netbooks e lousa interativa Clasus, material didático e minibiblioteca.

Na Unidade II, o atendimento acontece também em área ampla e com mobiliário adequado, no prédio da Lanchonete Central (Minas Tênis Clube, 2014).

Visando auxiliar na formação educacional dos sócios e também buscando ajudar a desenvolver nos participantes valores morais e éticos, outro clube da capital mineira, o Mackenzie Esporte Clube, também desenvolve uma ação de acompanhamento escolar similar, qual seja:

O Programa Acompanhamento Escolar oferece atendimento didático-pedagógico por meio de acompanhamento e suporte aos sócios do Mackenzie, estudantes da Educação Infantil até o Fundamental II.

O projeto propõe atendimento coletivo, com ações individuais e abordagens de conteúdos inter e multidisciplinares. Simultaneamente, são realizados projetos pedagógicos de caráter moral, cívico, ambiental, físico, relacional e social, que visam agregar valores á formação educacional da criança/adolescente.

O Pitágoras é parceiro do Mackenzie neste projeto. O colégio oferece monitores e material didático (Mackenziebh, 2014).

Seria importante observar nos dois clubes da capital mineira se tais atividades são também extensivas aos atletas não sócios.

Um outro aspecto do acompanhamento escolar poderia vir em outros tipos de parcerias, não só clubes. Um bom exemplo que conseguimos encontrar foi o Instituto Evokar. Este instituto utiliza o vôlei de praia “como instrumento de inserção social de crianças e adolescentes de comunidades carentes da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro” (Evokar, 2014). Eles conseguem desenvolver não só o esporte, mas também educação, saúde, alimentação, entre outros. Dentre os projetos que eles desenvolvem, um deles chama nossa atenção:

O programa EVOKAR Educação tem como objetivo oferecer ações complementares na área educacional contribuindo para a melhoria do

rendimento escolar dos alunos, seu crescimento cultural e conseqüentemente ampliação de oportunidades no mercado de trabalho (EVOKAR, 2014).

Durante nossa pesquisa conseguimos também verificar que algumas universidades/faculdades mantêm equipes esportivas, mas um dos requisitos para participar de tal equipe é que esteja estudando na própria universidade. Um excelente exemplo é a UPIS de Brasília/DF (União Pioneira de Integração Social).

Segundo o site da faculdade a UPIS é a Faculdade que mais investe em esporte no Distrito Federal. Eles desenvolvem diversas modalidades, dentre elas estão o voleibol, futebol de campo, natação, atletismo, entre outros. Além disso, a UPIS tem conquistado diversos títulos em campeonatos universitários, como as Olimpíadas Universitárias Brasileiras, além de já terem tido vários atletas convocados para a seleção brasileira que disputou o campeonato mundial universitário e também o sulamericano universitário.

O incentivo ao esporte proporciona aos atletas condições de treinamento com suporte de equipe especializada, que conta com técnicos e preparadores físicos. Assim, para receber o apoio da faculdade, o aluno/atleta deve obter bom desempenho acadêmico (UPIS, 2014).

Como é possível observar, os atletas, que também recebem bolsa de estudos para concluir sua formação, necessitam ter um desempenho satisfatório para poderem manter tanto a bolsa, quanto o suporte na área esportiva.

Neste sentido, existe uma empresa que realiza um trabalho interessante nesta área. A empresa Xsport encaminha ao exterior jovens atletas de voleibol, principalmente, que pretendem continuar os estudos. A maioria deles, que vai jogar nos Estados Unidos, compete pela universidade e por isso ganha bolsa de estudos. Segundo relatos desses atletas, é necessário manter um alto rendimento nas disciplinas escolares. Se este desempenho cair, a bolsa de estudos também diminui, gerando gastos ao atleta. Dependendo de como o aluno/atleta se sair nas disciplinas, ele pode perder totalmente a bolsa.

O trabalho da empresa Xsport é importante no sentido de que o mercado de trabalho para os atletas de voleibol no Brasil é escasso. Ao se chegar a determinado nível de profissionalização, existe um grande afunilamento em que a grande maioria destes atletas precisa abandonar a carreira. O alto nível no esporte pode ser muito cruel com estas pessoas. Como, na maioria das vezes, o atleta interrompeu os estudos, gera-se um grande problema para o seguimento da própria vida. Ao se ter a oportunidade de continuar jogando e estudando no exterior, os atletas, que muitas

vezes não teriam espaço no mercado de trabalho esportivo brasileiro, podem vislumbrar novas perspectivas de vida.

Neste sentido Koroleva (2013) relata que desde muito cedo sonhava em ser uma das melhores tenistas do mundo. Conseguiu se destacar profissionalmente aos 16 anos e seguia crescendo na carreira, no entanto ainda não ganhava muito dinheiro e necessitava ainda da ajuda dos pais para participar das competições.

Como as competições eram muito caras, em um dado momento, no auge de seu desempenho, a atleta não pode mais continuar, pois os pais não tinham mais condição de ajudá-la financeiramente. Foi aí que ela decidiu procurar uma universidade que ofertasse um programa de tênis. Koroleva (2013) recebeu uma bolsa de estudos e pode continuar jogando o esporte que tanto amava.

Os benefícios relatados por ela são imensos: aprendeu a gerenciar melhor seu tempo, a falar em público, se envolveu com a comunidade, fez amigos, entendeu que o dinheiro que ela ganharia sendo uma profissional não era o mais importante. Ela diz que tinha uma vida muito solitária quando atleta profissional e que mesmo que volte a jogar profissionalmente após a formatura, sua vida nunca mais será a mesma.

Isso tudo é muito importante, porque, como Koroleva (2013) mesmo diz, a vida de atleta é muito curta e muitas vezes aquele atleta que não estudou encerra a carreira, muitas vezes aos 30 ou 35 anos, sem saber o que fazer da vida, ou sem saber como investir o dinheiro que por ventura tenha ganhado durante a vida profissional. Com a formação universitária, além da graduação, é possível que se consiga inúmeros outros benefícios para o futuro.

Este poderia ser um caminho a se seguir pelo governo e universidades brasileiras.

3 – MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo baseia-se nas ciências humanas e trata-se de uma pesquisa qualitativa, buscando entender mais profundamente sobre o tema em questão. No estudo em que a quantidade de dados não é fundamental, opta-se pela pesquisa qualitativa.

Segundo Chizzotti (apud CAMPOS, 2000), a pesquisa qualitativa é baseada em uma estratégia em que os dados coletados levam em conta as interações sociais ou interpessoais. Eles são analisados a partir dos significados que sujeitos e/ou pesquisador atribuem ao fato. Neste tipo de estudo, os pesquisadores se propõem participar, compreender, analisar e interpretar as informações coletadas.

A interpretação das informações se torna mais significativa nesta forma de coleta, sendo possível obter um maior direcionamento do relato e, também, possíveis intervenções diante de dúvidas, tanto por parte do pesquisador, quanto do participante, ou pela necessidade de um maior detalhamento do sujeito no momento do relato.

Como instrumento para coleta de dados, optamos por realizar um questionário para coletar as informações. Dessa forma foi possível abranger uma maior área geográfica e também conseguir alcançar entrevistados distantes.

Rampazzo (1998) nos mostra uma ideia interessante em relação ao questionário. Ele nos diz que o questionário é um instrumento que possui uma determinada ordenação de perguntas, que devem ser respondidas por escrito, devendo garantir o anonimato dos sujeitos e sem a presença do entrevistador. Além disso, segundo o autor, o questionário possui outras vantagens, como, por exemplo, a liberdade para as respostas em razão do anonimato e também pelo entrevistador não estar presente, horários flexíveis para que o sujeito responda às perguntas, além de poder atingir um bom número de pessoas.

Segundo Rudio (1986), as perguntas abertas, também chamadas de livres, permitem ao entrevistado responder livremente o tema, podendo utilizar da linguagem que achar mais adequada, emitindo suas opiniões e ideias. Dessa forma é possível que se realize uma investigação mais profunda e precisa, porém, obriga ao pesquisador uma análise mais detalhada e complexa.

O questionário (ANEXO I) foi estruturado, contando com 10 questões mistas, abertas e fechadas. As perguntas foram enviadas por e-mail aos participantes,

juntamente com um termo de consentimento livre e esclarecido (ANEXO II) que foi preenchido por todos eles.

Os sujeitos deste estudo foram escolhidos por conveniência, uma vez que é sabido que os participantes trabalham com acompanhamento escolar.

Participaram deste estudo 4 clubes de grande expressão situados: dois em Belo Horizonte/MG, um em São Paulo/SP e um Brasília/DF que tinham o voleibol como modalidade praticada. Além disso, todos eles contavam com algum mecanismo de acompanhamento escolar.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossa pesquisa procurou investigar qual era o procedimento adotado em relação ao acompanhamento escolar em grandes clubes que tinham o voleibol como modalidade praticada.

Em um primeiro momento fizemos um contato telefônico com os interessados e a seguir enviamos os questionários por e-mail para sete clubes juntamente com o termo de consentimento livre e esclarecido. Quatro clubes nos enviaram as respostas do questionário também por e-mail.

Para auxiliar na caracterização dos sujeitos apresentamos a tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Sujeitos	Relação do entrevistado com o clube	Localização da instituição
Clube 1 – C1	Supervisor de qualidade de vida	São Paulo
Clube 2 – C2	Chefe do departamento de voleibol feminino	Belo Horizonte
Clube 3 – C3	Chefe do departamento de esporte e treinador de voleibol	Brasília
Clube 4 – C4	Treinador de voleibol	Belo Horizonte

Com o intuito de gerar um melhor entendimento acerca dos questionários, categorizamos os sujeitos como C1, C2, C3 e C4. Dessa forma conseguimos manter o anonimato dos envolvidos na pesquisa. A letra C será utilizada para fazer referência a cada um dos clubes.

Passamos agora a analisar as respostas constantes dos questionários.

A primeira pergunta procurava identificar se os clubes desenvolviam alguma ação de acompanhamento escolar. As respostas deveriam se limitar a sim ou não, seguidas de especificação sobre qual atividade era desenvolvida no caso da resposta positiva.

Os quatro clubes responderam sim à primeira pergunta. O Clube 1 (C1) enfatizou a finalidade educacional da instituição envolvida. Segundo eles, todos os atletas apresentam suas informações acadêmicas e a instituição mantém um banco de dados com essas informações. O Clube 2 (C2) informa que recolhe os boletins das atletas e quando observa haver notas baixas, toma algumas medidas. O Clube 3 (C3), por se tratar também de uma instituição de ensino, acompanha o resultado semestral final de seus atletas. Em caso de resultados negativos, orientam os alunos

sobre a “importância da formação profissional para a vida deles e da necessidade de bons resultados para a manutenção da bolsa de estudos”. Finalmente o Clube 4 (C4) monitora as notas e auxilia nos estudos dos alunos e atletas do clube.

Nosso segundo questionamento indagava de que forma acontecia o acompanhamento. O C1 informou realizar duas formas distintas de acompanhamento. Quando a situação se refere a algum atleta que reside com seus familiares, somente acompanham as notas e faltas através de boletins. Porém, se se tratar de atletas que residem em repúblicas, a instituição destaca uma ação especial. Existem 4 técnicos que visitam as escolas destes alunos. Além disso, semanalmente recebem relatórios “com as faltas e situação pedagógica do grupo”.

O C2 manifestou tomar providências quando é observado que alguma atleta obteve mais de duas notas abaixo da média. Neste caso eles ligam para a “[...] família no intuito de ajudar a conciliação entre estudo e treinamento”. Em alguns casos também montam horários alternativos de treinamentos ou folgas programadas para que o atleta tenha mais tempo para estudar.

O C3 afirmou que o departamento de esportes da instituição recebe ao final do semestre o histórico escolar de cada atleta e analisa cada caso separadamente.

Por fim o C4 destaca a existência de uma sala de estudos montada no clube. Existem duas professoras que auxiliam tanto as atletas, quanto os alunos das escolinhas na realização das atividades escolares. Porém a utilização por parte das atletas não é obrigatória.

Ao analisarmos as duas primeiras perguntas podemos notar que todos os clubes realizam alguma ação de acompanhamento escolar. O que fica evidente é que não existe uma padronização na forma de verificar o desempenho escolar. Cada clube criou seu próprio mecanismo de acordo com suas experiências.

Pudemos observar, no caso do C1, uma preocupação com o atleta que não reside próximo da família, buscando dar a ele o suporte recebido em casa, na maioria das vezes. Entendemos que todos os clubes, além de se preocuparem com o ensino do voleibol estão amplamente empenhados em proporcionar uma formação educacional de qualidade. Porém, ainda no caso do C1, a iniciativa é tomada para evitar que notas baixas apareçam. Ao contrário dos demais entrevistados que intervêm no processo quando lhes são apresentadas notas baixas.

Observamos também que em alguns casos existe uma grande estrutura para auxiliar os atletas. Dessa forma, mesmo que o atleta não se encaminhe para o profissional, é provável que ele se mantenha na vida escolar.

Na terceira pergunta foi indagado se existia no clube algum tipo de atividade ofertada por ele que auxiliasse na educação do aluno (Tabela 2). Três clubes envolvidos responderam positivamente, enquanto o C3 respondeu que não oferece nenhuma atividade. Ao especificar a resposta, o C1 destaca que o apoio nos estudos é ofertado aos atletas, mas fica a critério de cada um procurar ajuda. Além disso, a instituição promove aulas sobre temas variados como: “Administre o seu Dinheiro”, “Planejamento e Gestão de Ambientes e grupos de comunicação com psicólogos e fonoaudiólogos. O C2 e o C4 afirmam disponibilizar monitores para que seus atletas realizem as atividades escolares.

Tabela 2 – resposta à terceira pergunta

Possui atividade para auxiliar na educação dos alunos?		
C1	SIM	Apoio disponível para o atleta que solicitar e aulas com orientações diversas
C2	SIM	Monitores à disposição para ajudar nas tarefas escolares
C3	NÃO	-----
C4	SIM	Monitores à disposição para ajudar nas tarefas escolares

É importante observar as atividades oferecidas pelos clubes, que em sua maioria são monitorias, não são obrigatórias. Parece que há um consenso de que os atletas devem saber gerenciar suas atividades e seu tempo. Assim, somente aqueles que sentirem necessidade do auxílio, procuram por ele.

Nossa quarta indagação se referia à informação sobre existência ou não de alguma infraestrutura de suporte educacional (Tabela 3). Todos os participantes responderam que possuíam infraestrutura. O C1 conta com a existência de “sala de estudos e biblioteca, além das salas de apoio para os cursos com audiovisual”. O C2 e C4 possuem sala de estudos e o C3 possui biblioteca, laboratório de informática e núcleo de atendimento ao estudante.

Tabela 3 – resposta à quarta pergunta

Possui infraestrutura que dê suporte educacional ao aluno?		
C1	SIM	Sala de estudos, biblioteca e sala de apoio para cursos com audiovisual
C2	SIM	Sala de estudos
C3	SIM	Laboratório, biblioteca e núcleo de atendimento ao estudante
C4	SIM	Sala de estudos

Provavelmente relacionada a este aspecto existe a limitação orçamentária. É comum que os clubes ofereçam uma sala de estudos, mas quando se trata de um maior investimento, é difícil encontrarmos instituições que deixem de investir no próprio esporte para poder colocar o dinheiro na formação educacional de seus atletas. No caso do C1 e C3 observamos existir uma estrutura melhor, mas ao mesmo tempo estas estruturas estão relacionadas a instituições de ensino que são vinculadas a estes clubes.

No quinto questionamento procuramos saber se o clube mantém contato com a escola dos atletas. C1, C2 e C3 realizam este intercâmbio. Já o C4 não realiza tal ação. Ao serem questionados sobre a forma como faziam este contato, o C1 reiterou a existência de 4 técnicos que visitam as escolas dos atletas que estão longe das famílias, além das informações semanais recebidas por parte das escolas. Somado a isso, quando alguma situação sai do controle disciplinar na escola, o supervisor participa de reuniões para tentar solucionar o problema. O C2 solicita os boletins dos atletas e o C3 possui um departamento de esportes diretamente ligado à Instituição de ensino.

A sexta pergunta inverte o questionamento, procurando saber se a escola também tem o interesse de manter contato com o clube. Novamente C1, C2 e C3 responderam positivamente e C4, negativamente. C1 detalhou que ao final do período de avaliação eles recebem prontamente as informações, mas se preocupam mais com as informações sobre assiduidade. C2 menciona que recebe relatórios das escolas parceiras da Instituição, ou seja, de atletas que recebem bolsas para estudar nestas escolas. Finalmente, C3 recebe semestralmente o histórico escolar do aluno/atleta. A tabela 4 sintetiza a relação entre escola e clube.

Tabela 4 – resposta à quinta e à sexta pergunta

Relação escola/clube		
C1	SIM	Boletins com notas e frequência/visita de técnicos às escolas/quando necessário, supervisor participa de reuniões na escola.
C2	SIM	Boletins escolares e relatórios recebidos por parte da Instituição de ensino parceira
C3	SIM	Departamento de esporte diretamente ligado à Instituição de ensino e histórico escolar recebido semestralmente
C4	NÃO	-----

Importante notar que nas questões 5 e 6 o C4 afirma que não vai até a escola e que a escola não vai até o clube. Podemos inferir que esta situação ocorre na

reciprocidade de ações, ou seja, enquanto o clube não procurar o escola (ou vice-versa) para discutir sobre o rendimento escolar acadêmico dos jovens, o outro também não irá fazer. Esse indicador é importante na medida em que nos mostra que estreitar relações entre esporte e educação pode ser uma interessante ferramenta para o desenvolvimento de nossos jovens. Sendo assim porque não tomamos a iniciativa de procurar a escola?

Sobre tais situações destacamos a preocupação em relação à frequência salientada pelo C1. Novamente todos os clubes demonstraram interesse no rendimento final de seus atletas, enquanto o primeiro pesquisado parece se preocupar com o processo. Observamos também uma preocupação do rendimento relacionado à manutenção de bolsa de estudos. Este critério também vem sendo muito utilizado em universidades no exterior. As bolsas de estudos que os atletas obtêm por jogarem voleibol pelo clube ou universidade são muitas vezes proporcionais ao rendimento escolar.

Na sétima pergunta (Tabela 5) procuramos obter informações a respeito da manutenção ou não de contato com a família do atleta sobre o seu rendimento escolar. C1, C2 e C4 manifestaram que mantêm contato, já o C3 destaca que, por seus atletas serem, na maioria, universitários, todo o contato é realizado diretamente com eles.

Ao especificar de que forma o contato com a família é realizado, o C1 observa que o supervisor de rendimento realiza contato através de e-mails e telefone. “Os relatórios enviados pelas escolas são transmitidos individualmente aos pais e os casos pontuais são tratados por telefone”. O C2 cita novamente a ligação para a família em caso de mais de duas médias perdidas no boletim. Já o C4 coloca que os problemas de rendimento escolar são informados a eles, “e caso o atleta esteja com dificuldades nas notas escolares, é afastado dos treinamentos até que consiga se recuperar”.

Tabela 5 – resposta à sétima pergunta

Relação família/clube		
C1	SIM	Telefone e e-mail
C2	SIM	Telefone em caso de mais de duas médias perdidas
C3	NÃO	-----
C4	SIM	Caso o rendimento escolar não esteja bom, pode ser afastado dos treinos até que se recupere

Sobre este aspecto fica caracterizado que os clubes procuram manter contato, na maioria das vezes, através de telefone ou e-mail. Pelas respostas apresentadas parece não existir um convite aos pais para que visitem o clube a fim de tentar solucionar em conjunto os problemas do rendimento escolar.

É possível que a maioria dos clubes acredite não ser parte de suas funções este intercâmbio. Existe a ideia de que o contato sobre o rendimento escolar deveria ser feito diretamente entre a escola e a família e não pelo intermédio do clube. O que fica evidente é a preocupação do clube com as notas abaixo da média obtidas pelos atletas.

O oitavo questionamento investiga quais são os resultados que o clube vem observando em relação ao acompanhamento escolar. Sobre o C1 destacamos o seguinte comentário: “com a intensidade da fiscalização [...] ficam mais evidentes as dificuldades que cada um traz no conteúdo pedagógico”. O C2 aponta como fator positivo o alto índice de aprovação de seus atletas, chegando a 95%. O C3 observa “uma maior conscientização por parte dos alunos da necessidade de dedicar-se aos estudos e a importância disto para sua vida após o término do ciclo desportivo”. Por fim o C4 expõe que sempre é destacada a importância de se ter um atleta dedicado e eficiente no rendimento escolar.

Isso nos mostra que através do acompanhamento escolar, os clubes estão conseguindo auxiliar seus atletas a terem um maior rendimento escolar e a conhecer seus pontos fracos nos estudos. Fica evidente também que o clube está preocupado com a qualidade dos estudos do atleta, e não somente com o atleta e seu rendimento esportivo, pois é fato que nem todos os atletas conseguirão se tornar profissionais de alto rendimento.

É preciso destacar também a importância do esporte na vida do aluno, pois o afasta das ruas e de possíveis companhias ruins. Mas há que se saber encontrar o meio termo entre estudo e esporte. O clube acaba por ajudar, mesmo que indiretamente, a criar uma corrente junto com família e escola, acabando por fortalecer a crença da importância do estudo para o futuro do aluno/atleta.

Optamos por questionar em nossa nona pergunta se existe alguma medida adotada quando o aluno não atinge o rendimento esperado. Todas as instituições responderam positivamente. Destacamos alguns pontos importantes. O C1 observa que é necessária uma análise individual de cada caso. Muitos atletas se transferem de uma pequena cidade para uma metrópole e a adaptação pode afetar o

rendimento escolar. Eles reconhecem o esforço de seus atletas e não descartam a possibilidade de dispensar algum atleta problemático, independentemente de ser bom tecnicamente no voleibol. Porém segundo o relato, esta medida ainda não foi necessária.

O procedimento adotado pelo C2 e C4 é semelhante, podendo os atletas serem suspensos dos treinamentos em caso de baixo rendimento. O C2 destaca que a suspensão de viagens ou treinamentos não tem “intenção de punir o atleta, mas de viabilizar sua recuperação na escola”.

O C3 nos informa que se houver desempenho escolar abaixo do proposto e, após avaliação do departamento de esportes o mau rendimento se repetir, o aluno “[...] pode chegar a perder a bolsa de estudos ou um percentual dela”. É importante observar que a bolsa de estudos é concedida aos atletas que jogam pela instituição.

Fica claro nas falas dos clubes, sua preocupação com a vida/rendimento escolar do atleta. Desta forma o atleta sabe que deverá gerir melhor sua vida escolar e de atleta de voleibol. A sua dedicação deverá ser proporcional e similar em ambas as situações. Segundo os relatos, os clubes ao notarem que o atleta não está conseguindo equilibrar as duas ações (estudar e treinar/jogar voleibol), orientam seus atletas a se dedicarem mais e melhorem nos estudos, mesmo que para isso seja necessário que paralitem os treinamentos, jogos e viagens, até que consigam se recuperar. Parece também, que tudo isso é feito de forma harmônica e com muito diálogo entres os envolvidos. Não observamos nas respostas, cobranças com caráter de exageros por parte do clube.

Resta saber se os relatos são efetivamente cumpridos, ou se na prática os estudos não estão entre as preocupações primordiais de tais instituições. Será que um clube abriria mão de seu principal jogador em uma competição importante se ele não tiver se saído bem na escola?

Por fim, deixamos um espaço aberto na décima questão para que os clubes fizessem comentários que achassem necessários. Somente C1 e C4 fizeram apontamentos, vejamos a seguir:

O C1 destacou: “[...] temos também foco na formação do cidadão, na sua educação, além do atleta, ou seja, utilizamos o esporte como ferramenta de educação”. O C4 expôs alguns pontos relevantes que merecem destaque, chamando a atenção dos leitores sobre de quem seria a responsabilidade de um bom rendimento escolar. Segundo ele, caberia a toda sociedade e o clube não

poderia ser responsabilizado, caso seu atleta vá mal nos estudos. Ele acredita que a educação deva ser prioridade, mas que não caberia ao clube proibir tal atleta de estar presente no esporte, caso não se dê bem na escola. Apesar do clube apresentar propostas, depende da individualidade de cada atleta e que por lá já passaram atletas bem sucedidos que estudaram e atletas bem sucedidos que não estudaram. Segundo o C4, “esporte não atrapalha e nem ajuda aos estudos, são atividades humanas distintas e benéficas”.

Desta forma é possível refletir um pouco sobre os questionamentos feitos pelo C4. Ele nos apresenta, de certa forma, uma liberdade para que suas atletas escolham o foco de sua dedicação, ou seja, apesar dos esforços do clube e estrutura disponibilizada, o atleta junto com sua família, decidirá o foco, caminho a ser seguido por este atleta.

Preservando o anonimato, estamos falando de atletas profissionais de alto rendimento, que tem suas carreiras no voleibol reconhecidas no cenário nacional e internacional. O clube nos relata que algumas destas atletas, formadas como jogadoras na própria instituição, estudaram, outras não. Mesmo assim conseguiram enorme destaque e projeção em suas carreiras, chegando até mesmo à seleção brasileira de voleibol. Se o clube tivesse dispensado a atleta que não tinha um bom rendimento escolar, será que ela teria chegado ao status que ocupa hoje?

Mais uma vez, respeitando o anonimato, ele cita o caso de uma ex-atleta do clube, hoje muito bem sucedida em sua carreira de jogadora de voleibol, mas por mais esforços que o clube tenha feito, foi opção da atleta não estudar, ela não queria estudar, queria ser jogadora de voleibol, pois viu sua chance de melhorar de vida, ajudar sua família e poder ganhar um salário maior que a maioria da população. Uma atleta com poucas condições financeiras vê uma oportunidade de se tornar jogadora profissional e o clube fará o quê? Mandará esta atleta embora? Ela poderá ter mais problemas em sua vida, se o clube tomar esta atitude.

Acreditamos que foi possível levantar alguns questionamentos importantes acerca do tema acompanhamento escolar. Encontramos clubes que estão empenhados na formação para a vida de seus atletas. São bons exemplos a se seguir. Mas fica ainda a dúvida em relação ao melhor método para isso. É necessário que as instituições esportivas consigam encontrar um meio termo para pensar no futuro dos jovens, mas ao mesmo tempo sem tolher alguma eventual oportunidade que este atleta venha a ter no futuro.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo tinha como objetivo principal verificar como clubes de voleibol realizam o acompanhamento escolar de seus atletas.

Após análise e discussão dos dados obtidos podemos concluir que, dentro do universo pesquisado, é constante a presença de algum tipo de acompanhamento escolar, seja por meio de recolhimento de boletins, disponibilização de monitorias, ofertas de bolsas de estudos, entre outros.

É possível notar que, na maioria dos casos, os clubes mantêm contato com as escolas para avaliar o rendimento dos alunos e muitas vezes tomam atitudes para ajudar a recuperá-lo caso haja algum problema.

Da mesma forma, também é frequente o intercâmbio entre clube e família, no intuito de ajudar o aluno que tem algum problema nos estudos, seja diminuindo a frequência de treinamentos, seja proporcionando horários alternativos.

Ao final deste trabalho destacamos o importante exemplo que vem sendo dado por estas instituições. Assim, outros profissionais da área do voleibol ou até mesmo da Educação Física e Esportes em geral, podem se apropriar de atividades ou ideias que se apliquem ao seu dia a dia e ao seu universo de trabalho.

Sugere-se que novos estudos sobre a temática do acompanhamento escolar sejam desenvolvidos e/ou aprofundados, uma vez que há poucos ou quase nenhum registro na área.

REFERÊNCIAS

BIZZOCHI, C. **O Voleibol de alto nível: da iniciação à competição**. 3. ed. Barueri: Editora Manole. 2008

BELO HORIZONTE. Minas Tênis Clube. **Acompanhamento escolar**. Disponível em: <<http://minastenisclube.com.br/educacao/acompanhamento-escolar/>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

(_____.) Mackenzie Esporte Clube. **Acompanhamento Escolar**. Disponível em: <<http://www.mackenziebh.com.br/index.asp?op=3&area=Servi%E7os&codigo=5&suarea=Acompanhamento%20escolar&idioma=1>>. Acesso 25 abr. 2014.

(_____.) Empresa Xport. Disponível em: <<http://www.xsportconsulting.com/index2.php>>. Acesso 6 maio. 2014.

BRACHT, V. A gênese do Esporte Moderno. In: BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 5. ed. Rio Grande do Sul: Editora Unijui. 2005. Cap. 1.

BRASIL. Confederação Brasileira de Voleibol. **Quadro de Títulos**. Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/v1/quadro-titulos/index.html>>. Acesso em: 19 abr. 2014

(_____.) Instituto Evokar. **Programa Educação e Vôlei de Praia**. Disponível em: <<http://www.evokar.org.br/evokar-educacao/>>. Acesso em: 8 maio. 2014.

BRASÍLIA. União Pioneira de Integração Social. **Esporte**. Disponível em: <<http://www.upis.br/conteudo/esporte.asp>> Acesso em: 02 maio. 2014

CAMPOS, L.F. L. de. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Psicologia**. Campinas: Editora Alínea. 2000.

CARVALHO. E.R. **A importância do mecanismo perceptivo para o desempenho das destrezas motoras no voleibol**. Monografia apresentada ao curso de especialização da Universidade Federal de Santa Maria (RS). 1988.

IMPOLCETTO, F.; DARIDO, S.C. **Sistematização dos conteúdos do voleibol: possibilidades para a Educação Física escolar**. R. bras. Ci. e Mov 2011;19(2):90-100. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/wiewFile/2773/1904>>. Acesso em: 22 mar. 2014.

GUILHERME, A. **À beira da quadra: técnica e tática de voleibol**. 4. ed. Belo Horizonte: Minas Tênis Clube. 2001

KOCIAN, R. C. **Educação, reflexões e debates**. Muzambinho: IFSULDEMINAS. 2014.

KOROLEVA, Y. **Professional vs. Amateur: the choice between professional and collegiate sports**. 2013. Disponível em <<http://www.coachandathlete.org/professional-vs-amateur.html>>. Acesso em: 13 maio. 2014.

MACHADO, A.A. **Psicologia do Esporte: da educação física escolar ao treinamento esportivo**. São Paulo: Editora Guanabara Koogan. 2006.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica para os alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. Lorena: Editora Stiliano, 1998.

RUDIO, F. V. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

SÃO PAULO. **Lei nº 13.748 de 08 de outubro de 2009**. Determina aos clubes de futebol que assegurem matrícula em instituição de ensino aos jogadores menores de 18 (dezoito) anos a eles vinculados. Disponível em: <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2009/lei-13748-08.10.2009.html>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

TUBINO, M. **Estudos Brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Editora Eduem. 2010

ANEXO I
QUESTIONÁRIO

1. O clube/universidade/escolinha esportiva desenvolve alguma ação de acompanhamento escolar?
() SIM () NÃO QUAL?
2. De que forma acontece esse acompanhamento?
3. Existe algum tipo de atividade ofertada pelo clube/universidade/escolinha esportiva que auxilie na educação do aluno? (Ex: Aulas de reforço, professor particular, programa de leitura, etc.)
() SIM () NÃO QUAL?
4. Existe algum tipo de infraestrutura no clube/universidade/escolinha esportiva que dê suporte educacional ao aluno? (Ex: Sala de estudos, biblioteca, etc.)
() SIM () NÃO QUAL?
5. O clube/escolinha esportiva mantém contato direto com as escolas dos alunos?
() SIM () NÃO DE QUE FORMA?
6. A escola/universidade mantém contato direto com o clube/escolinha de esportes para informar o rendimento do aluno?
() SIM () NÃO QUAL?
7. O clube/universidade/escolinha esportiva mantém contato com a família do atleta sobre as questões do acompanhamento escolar?
() SIM () NÃO DE QUE FORMA?
8. Quais os resultados que o clube/universidade/escolinha esportiva tem observado com o acompanhamento escolar?
9. Existe alguma medida adotada quando o aluno não atinge o resultado esperado?
() SIM () NÃO QUAL?
10. Espaço aberto para comentários que achar necessário.

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)



Você está sendo convidado para participar da pesquisa com o tema: O acompanhamento escolar na prática do voleibol, realizada pelo aluno Márcio Adriano Bueno Scheibe e orientada pelo professor Me Rafael Castro Kocian.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS) - Campus Muzambinho.

O objetivo do presente trabalho é verificar se, clubes, universidades e escolinhas esportivas fazem o acompanhamento escolar de seus atletas de voleibol.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário composto por perguntas abertas e fechadas.

Os benefícios relacionados a sua participação se justificam pelo fato de ainda não existirem muitas pesquisas na temática em questão. Dessa forma pretende-se contribuir com a área acadêmica da Educação Física produzindo conhecimento sobre o tema.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Aluno/Pesquisador: Márcio Adriano Bueno Scheibe

Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Esporte e do Movimento (GEPPEM)

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul de Minas Gerais-Campus Muzambinho.

Matrícula: 12112000422

Contato: (31) 9111-2927 (35) 9911-5510 **e-mail:** mabsifsul@hotmail.com

Professor/Pesquisador Responsável: Prof. Me. Rafael Castro Kocian

Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Esporte e do Movimento (GEPPEM)

Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais- Campus Muzambinho

Contato: (19) 91471235 **e-mail:** rafaelkocian@gmail.com
(35) 3571-5051

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sujeito da pesquisa